

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dissertação de Mestrado

**PRINCÍPIOS PARA UMA  
PROPOSTA DE TRABALHO COM  
NARRATIVA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Sirlene Borges da Silva Ramos

NOVEMBRO/2023





# UPF

UNIVERSIDADE  
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José  
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900  
(54) 3316 7000 - [www.upf.br](http://www.upf.br)

Sirlene Borges da Silva Ramos

PRINCÍPIOS PARA UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM NARRATIVA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo - RS  
2023

CIP – Catalogação na Publicação

---

R175p Ramos, Sirlene Borges da Silva Ramos  
Princípios para uma proposta de trabalho com narrativa  
no ensino fundamental [recurso eletrônico] / Sirlene Borges  
da Silva Ramos – 2023.

1.4 MB : il. color. ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de  
Passo Fundo, 2023.

1. Narrativa (Retórica) - Ensino fundamental. 2. Savaget,  
Luciana - Análise do discurso. 3. Bakhtin, M. M. (Mikhail  
Mikhailovitch), 1895-1975 - Estudos. I. Diedrich, Marlete  
Sandra, orientadora. II. Título.

CDU: 801.73

---

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**“Princípios para uma Proposta de Trabalho com Narrativa no Ensino Fundamental”**

Elaborada por

**Sirlene Borges da Silva Ramos.**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições

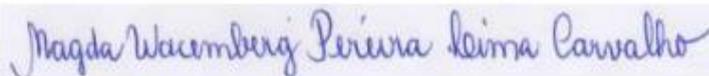
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de

Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

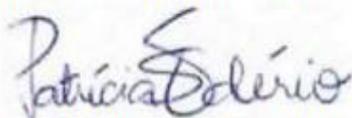
Aprovada em: 14 de novembro de 2023.  
Pela Comissão Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlete Sandra Diedrich  
Presidente da Banca Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho  
Universidade Católica de Pernambuco



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Valério  
Universidade de Passo Fundo



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

*Dedico esta dissertação a minha saudosa  
amiga Marilene Ferreira de Carvalho.  
Nós sempre trilhamos juntas a vida  
acadêmica, mas, devido à Covid-19, ela me  
deixou sozinha nesta caminhada.  
Ela despertou em mim a vontade de fazer  
mestrado e ainda me influenciou na escolha  
do livro de Luciana Savaget.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, pela saúde e disposição que me permitiram a realização deste trabalho.

Aos meus pais, **João e Maria**, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu esposo **Almir**, que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

As minhas filhas, **Thauana e Cauane**, que, apesar de todas as dificuldades, me fortaleceram com um abraço e sorriso.

Aos meus **irmãos, cunhados e sobrinhos**, que, nos momentos de minha ausência em prol da dedicação ao estudo, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Sou extremamente grata a todos os meus professores, que ajudaram no meu progresso acadêmico, especialmente ao professor **Dr. Ernani**, por ser tão gentil e paciente e por me fazer sentir parte do meio.

A minha orientadora, **Dr<sup>a</sup>. Marlete**, por sua confiança e dedicação inabalável. Ela desempenhou um papel significativo no meu crescimento e deve ser recompensada com minha eterna gratidão, pois nunca perdeu a confiança no meu trabalho. Agradeço por ela compartilhar de seu conhecimento e tempo. Nos momentos mais desafiadores para mim, ela esteve sempre presente, ainda que tão distante geograficamente. Obrigada, mestra, por me exigir mais do que eu acreditava que seria capaz de realizar.

*O homem está no mundo e com o mundo.  
Se apenas estivesse no mundo não haveria  
transcendência nem se objetivaria a si  
mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode  
também distinguir entre um eu e um não-eu.  
(Paulo Freire)*

RAMOS, Sirlene Borges da. **Princípios para uma proposta de trabalho com narrativa no Ensino Fundamental**. 54f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras - PPGL. Minter - Universidade de Passo Fundo e Faculdade Católica de Rondônia. Passo Fundo-RS, 2023.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal apresentar uma reflexão acerca da produção de narrativas, pautada em princípios teórico-metodológicos derivados dos estudos bakhtinianos acerca de exotopia e cronotopo, tendo em vista uma proposta de trabalho com narrativa no Ensino Fundamental à luz da teoria bakhtiniana. O objeto de estudo consistiu de quatro narrativas que compõem a obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, de Luciana Savaget (2021). Segundo Bakhtin (1997), a linguagem é formada por enunciados e eles refletirão condições específicas às finalidades de cada campo, não somente pela sua temática e estilo da linguagem empregada. Dessa forma, a pergunta investigativa foi: que princípios teórico-metodológicos fundamentam a reflexão acerca de narrativas produzidas na obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*? Metodologicamente, o estudo adotou os procedimentos da pesquisa bibliográfica, com análise de narrativas a partir de dois princípios bakhtinianos: 1) o exotópico e 2) o cronotopo. As narrativas analisadas evidenciaram o olhar do narrador acerca do tempo e espaço, bem como a influência que o meio exerce na escrita, além da propagação de novos hábitos assumidos como posturas fixas na ação humana a partir de experiências e medidas adotadas para garantir a segurança. Concluiu-se que as narrativas se constituem a partir do olhar múltiplo e dialógico dos autores - exotópico - sobre o objeto ou acontecimento narrado e a construção do tempo aliado ao espaço da narrativa - cronotopo - para que as construções possam dar sentido em todo o texto, propiciando uma importante discussão ao se considerar a ação de narrar um momento vivenciado.

**Palavras-chave:** Narrativa. Tempo. Espaço. Cronotopo. Exotopia.

RAMOS, Sirlene Borges da. **Principles for a work proposal with narrative in elementary education**. 54f. Dissertation (Master's Degree in Letters). Stricto Sensu Graduate Program in Letters - PPGL. Minter – University of Passo Fundo and Catholic College of Rondônia. Passo Fundo-RS, 2023.

## ABSTRACT

This work's main objective is to present a reflection on the production of narratives, based on theoretical-methodological principles derived from Bakhtinian studies on exotopy and chronotope, in view to propose a working with narrative in Elementary Education in the light of Bakhtinian theory. The object of study consisted of four narratives that are part of the book *My stories are your stories: what we feel about isolation? (Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento?)*, by Luciana Savaget (2021). According to Bakhtin (1997), language is formed by statements and they will reflect specific conditions for the purposes of each field, not only due to its theme and language style used. Thus, the investigative question was: what theoretical-methodological principles underlie the reflection on narratives produced in the work *My stories are your stories: what we feel about isolation?* Methodologically, the study adopted bibliographical research procedures, with narrative analysis based on two Bakhtinian principles: 1) the exotopic and 2) the chronotope. The narratives analyzed highlighted the narrator's view of time and space, as well as the environment influence on writing, in addition to the propagation of new habits assumed as fixed postures in human action based on experiences and measures adopted to guarantee safety. It was concluded that the narratives are constituted from the multiple and dialogical look of the authors - exotopic - on the object or event narrated and the construction of time combined with the space of the narrative - chronotope - so that the constructions can give meaning to the entire text, providing an important discussion when considering the action of narrating an experienced moment.

**Keywords:** Narrative. Time. Space. Chronotope. Exotopy.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC** Base Nacional Comum Curricular  
**EF** Ensino Fundamental  
**PCN** Parâmetros Curriculares Nacionais

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Princípios metodológicos.....	32
Figura 2 - O livro.....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A NARRATIVA EM ESTUDO</b> .....	16
2.1 NARRATIVA EM BAKHTIN.....	17
2.2 CONCEITO DE NARRATIVA.....	21
2.2.1 O tempo para Bakhtin.....	22
<b>3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA O TRABALHO COM NARRATIVAS</b> .....	29
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO: O CASO DAS NARRATIVAS NA OBRA <i>MINHAS HISTÓRIAS SÃO SUAS HISTÓRIAS: O QUE SENTIMOS COM O ISOLAMENTO</i></b> .....	34
4.1 A OBRA.....	34
4.2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

A narrativa sempre ocupou espaço central na linguagem humana. Durante o período de isolamento provocado pela pandemia da Covid-19, seu papel parece ter assumido importância maior ainda na vida das pessoas, pois foram muitos os casos de registros diários dos eventos vivenciados pelos indivíduos em sociedade, muitos deles registrados com o uso do computador ou do *smartphone*. Diante desse contexto, a temática central desta pesquisa se volta para a proposição de princípios de trabalho com narrativas, orais e/ou escritas, no Ensino Fundamental (EF)<sup>1</sup>.

A temática encontra sua delimitação numa reflexão sobre narrativas pautada em princípios teórico-metodológicos derivados dos estudos bakhtinianos, com enfoque nas noções de cronotopo e exotopia ilustradas na análise de textos da obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, de Luciana Savaget (2021).

Com essa delimitação, o estudo se guia pela seguinte pergunta investigativa: que princípios teórico-metodológicos fundamentam a reflexão acerca de narrativas produzidas na obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, da autora Luciana Savaget?

Sendo assim, o objetivo geral da investigação é desenvolver uma reflexão acerca da produção de narrativas pautada em princípios teórico-metodológicos derivados dos estudos bakhtinianos acerca de exotopia e cronotopo, com análise de textos da obra já referida.

Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- descrever a concepção de narrativa no escopo dos estudos bakhtinianos;
- analisar narrativas à luz de princípios derivados da proposta bakhtiniana;
- oferecer possibilidades de trabalho de ensino de língua no EF a partir da análise da obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, da autora Luciana Savaget.

O tema encontra sua justificativa no fato de que o estudo da narrativa oferece possibilidades de reflexão acerca da inserção humana na linguagem. Além disso, a

---

<sup>1</sup> A proposta poderá ser aplicada em todo o Ensino Fundamental, uma vez que o estudo enfatiza os princípios nos quais poderá ser utilizada e adaptada em consonância com a operacionalidade que se pretende alcançar - em qualquer momento da historicidade escolar - para consubstanciar as narrativas.

proposta pode servir de base para outros trabalhos a serem desenvolvidos em propostas de ensino de língua.

As narrativas analisadas envolvem o momento de pandemia da Covid-19. Essa particularidade tem muito a dizer acerca da história da humanidade e de como as relações humanas se deram via linguagem nesse conturbado período. Após o período pandêmico, muitas reconstruções pessoais e profissionais têm sido reveladas, demandando novos comportamentos e formação curricular, para que os indivíduos desenvolvam plenamente saberes que fundamentem sua identidade. Assim, é notória a importância da efetivação deste estudo, por apresentar uma discussão científica a partir de princípios para uma reflexão acerca das narrativas produzidas no período informado, tão singular e inusitado.

A motivação para procedermos esta investigação surgiu, principalmente, de nossas vivências de cunho pessoal e profissional, em um momento jamais imaginado no sistema educacional: a pandemia da Covid-19. Nesse período, estivemos diante da turma de alunos, enquanto docente, mas também como gestora em uma unidade escolar pertencente ao governo do estado de Rondônia.

No campo funcional, mesmo atuando há mais de trinta anos no processo de ensino e aprendizagem, percebemos que as inquietações se ampliaram, mediante a inserção de novos formatos de ensinar, para garantir a saúde e a promoção da vida, momento no qual as tecnologias de informação e comunicação se tornaram o meio mundial para mensagens e diálogos, como mediadoras das relações interpessoais e socioemocionais.

Mesmo com a ascensão tecnológica naquele período, percebemos a necessidade de um trabalho docente voltado para a formação da identidade, essencial para o exercício de cidadania, bem como para a propagação das vivências que devem ser compartilhadas e socializadas para promover reflexões.

Com essa percepção, buscamos discutir as narrativas produzidas por crianças durante a pandemia e apresentadas no livro de Luciana Savaget (2021), visto que a situação derivada do isolamento social representou um cenário novo, de vários debates e estudos, principalmente acerca dos novos comportamentos humanos que foram reconstruídos para atuar na sociedade, sendo a escola o local que estimula e referencia uma nova postura profissional e o *modus operandi* dos professores.

Metodologicamente, neste estudo, adotamos os procedimentos de uma pesquisa bibliográfica em que, primeiramente, definimos os itens essenciais, que partem da escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto (Prodanov; Freitas, 2013).

Sequencialmente, utilizando uma abordagem qualitativa, com objetivo descritivo, buscamos a resposta do problema a ser respondido no perfilar do estudo, utilizando aportes teóricos advindos dos estudos dos gêneros, na abordagem bakhtiniana. A pesquisa se constituiu em duas frentes: a primeira envolve princípios derivados dos estudos de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin acerca da narrativa, no intuito de formalizar o aporte teórico-metodológico condutor do trabalho; a segunda envolve a análise de quatro narrativas que compõem a obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, de Luciana Savaget (2021), no intuito de ilustrar os princípios de trabalho apresentados em nossa proposta.

Nossa proposta é desenvolver uma reflexão sobre narrativa, com vistas a proporcionar uma alternativa para a escola, a qual tem a significativa missão de formar sujeitos capazes de atuar na cidadania por meio de atitudes críticas, reflexivas e autônomas, o que nos instigou a desenvolver o presente estudo, visto que este trabalho envolve a construção de um novo olhar da prática professoral, ao inserir elementos da narrativa, tempo e espaço em sua ação educacional, pautada para consubstanciar e impulsionar o ensino, principalmente para estudantes dos anos iniciais do EF.

Entendemos que o trabalho de leitura e escrita pode fomentar o desejo pelo universo das narrativas, seja de forma a relatar uma experiência, uma ação, ou até mesmo uma atividade desenvolvida. Assim, a narrativa nos possibilita a ampliação da capacidade de elaborar nossas próprias concepções das vivências ocorridas no perfilar da vida, além de incentivar as ideias e a lidar com possíveis hipóteses, de forma autoral, principalmente diante da ascensão tecnológica, que permite a generalização de conhecimentos com apenas um clique.

Além disso, o presente trabalho, versamos sobre a compreensão da importância das múltiplas intervenções que podem ser realizadas pelo professor, ao inserir, no planejamento de ensino, momentos para assimilação dos elementos da narrativa, a fim de contextualizar na língua (oral e escrita) a ampliação dos campos

cognitivo, intelectual e socioemocional, utilizando um gênero discursivo.

Desse modo, contribuimos com um campo investigativo que consubstancia uma proposta teórico-metodológica, para o trabalho com narrativas nas escolas de EF, a qual é derivada de fundamentos teóricos e metodológicos investigados em bibliografia especializada. A ideia é contribuir com o planejamento de ensino, mediante a inserção de momentos que promovam a assimilação dos elementos da narrativa, tendo em vista a ampliação dos campos cognitivo, intelectual e socioemocional.

Sendo assim, norteou-se no texto dissertativo a obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, que traz ao leitor, narrativas acerca de momentos de vivências que apresentam uma realidade temporal dentro de um espaço provocado de maneira imediatista, em que a maioria do cidadão mudou sua forma de vida e refez comportamentos que se tornaram alguns hábitos a partir de uma etapa social.

Esta dissertação está organizada nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, trata-se desta Introdução, enquanto no segundo abordamos os conceitos e princípios considerados imprescindíveis para uma reflexão em relação à narrativa, com enfoque nas categorias de tempo e espaço; buscamos a fundamentação em autores que tratam do tema, com destaque para as concepções de Bakhtin (1982, 1997, 2003, 2006, 2011, 2018), bem como para obras de estudiosos que discutem a teoria bakhtiniana, especificamente o estudo da narrativa, como Brait (2012) e Amorim (2010);

No terceiro, apresentamos os princípios metodológicos para o trabalho de análise da obra de Luciana Savaget (2021), com a possibilidade de, num estudo futuro, gerar uma proposta de trabalho com narrativas no Ensino Fundamental; No quarto contextualiza a análise e discussão de quatro narrativas que compõem a obra de Savaget (2021), e por fim no quinto capítulo tecemos nossas considerações finais acerca do estudo realizado.

## 2 A NARRATIVA EM ESTUDO

Neste capítulo, abordamos conceitos e princípios considerados imprescindíveis para uma reflexão em relação à narrativa, em um estudo que visa apresentar uma proposta de ensino de língua para o EF, a partir de narrativas, pautada em princípios teórico-metodológicos com enfoque nas categorias de tempo e espaço.

Para tanto, buscamos fundamentação em autores que tratam do tema, com destaque para as concepções de Bakhtin (1982, 1997, 2003, 2006, 2011, 2018), bem como para obras de estudiosos que discutem a teoria bakhtiniana, especificamente o estudo da narrativa, como Brait (2012) e Amorim (2010).

Nesse sentido, cabe-nos lembrar que as narrativas estão presentes em gêneros distintos no cotidiano da atuação humana, seja no formato escrito ou falado. Além do mais, as narrativas podem ser encontradas tanto na literatura como na história, assumindo, muitas vezes, o lugar de arte, conforme apontam Zamboni e Fonseca (2010, p. 3):

[...] arte de contar, de pensar, de troca entre sujeitos, de compartilhar experiências, situações que conheceram e/ou viveram. As narrativas quando históricas são tratadas sob o viés social, cultural, político. A intenção é clara: demonstrar, a partir de determinados critérios e procedimentos, que o conhecimento é construído por pessoas imersas no seu tempo, capazes de construir problemas, hipóteses e, assim, de contribuir para o estabelecimento de relações entre outros sujeitos, outros acontecimentos e outras temporalidades. O alvo: a formação da consciência histórica.

As possibilidades da narrativa demonstram a importância de contextualizarmos sua aplicabilidade em todas as práxis humanísticas, dentre elas a oportunidade de relatar vivências em que experienciamos um tempo ou espaço em algum trajeto. Na narrativa, não só atribuímos sentido ao vivido, mas também apontamos quais as pessoas que foram importantes em nossa trajetória pessoal e profissional, que contribuíram para a nossa constituição cidadã. Destacamos, aqui, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta habilidades e competências a serem adquiridas com base em trabalhos de linguagem derivados da leitura e da produção de narrativas (BRASIL, 2017).

Narrar experiências é uma forma de darmos sentido a nossa constituição e a nossa identidade. Nas histórias narradas, é possível identificar verossimilhanças

com nossa própria constituição profissional, envolvendo desde a formação na educação básica, na universidade e na prática profissional.

As narrativas viabilizam posicionamentos de experiências que precisam ser evidenciadas socialmente de forma ativa, consubstanciando reflexões da realidade de um tempo ou espaço que retratam e encorajam a socialização de um momento.

## 2.1 NARRATIVA EM BAKHTIN

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, mais especificamente na obra *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 1997), buscamos o aporte teórico para sustentar nossa investigação, com destaque para o trabalho acerca da narrativa. A visão de Bakhtin (1997) contribui para colocarmos o tema da narrativa no rol de matérias das ciências humanas.

Em *Estética da criação verbal*, o texto acerca dos gêneros do discurso compõe-se, em linhas gerais, de três partes, bastante autônomas, ao reunir, na rica carreira do autor, momentos que permitem compreendê-la melhor: o Bakhtin sociólogo e marxista do final dos anos vinte, que aparece nos complexos *Problemas da Poética de Dostoiévski*; o Bakhtin dos anos trinta, marcados pelo Rabelais e pelas grandes explorações culturais no campo das festas populares, do carnaval, da história do riso; e o Bakhtin “sintético” dos últimos escritos, nos quais se insere a temática dos gêneros do discurso.

A ideia defendida por Bakhtin (1997) frisa que a linguagem é formada por enunciados, os quais refletirão condições específicas às finalidades de cada campo, não somente pela sua temática e estilo da linguagem empregada. A concepção bakhtiniana também ressalta as particularidades dos enunciados que os fazem individuais. O autor fala da dificuldade de definir os gêneros discursivos, pelo fato de serem inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana, pois cada atividade terá gêneros de discurso de diferentes graus de complexidade; isso explica a heterogeneidade do gênero do discurso.

No Brasil, tem sido dada grande atenção à teoria do discurso, a partir dos estudos de Bakhtin sobre o gênero, o que impacta as práticas de ensino de língua materna, de modo que a concepção de língua desvinculada do seu uso não responde mais às inquietações de uma sociedade e de uma escola que, gradualmente, estão dando espaço à novidade, à inventividade e à reformulação de

metodologias, sobretudo, pautadas na perspectiva sociointeracionista da linguagem e, assim, fazendo o uso dos gêneros discursivos como ferramenta para o ensino.

Conforme explana Bakhtin (2003, p. 281),

Os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. [...] Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso.

Segundo o autor, só nos comunicamos, falamos e escrevemos através de gêneros do discurso. Por conseguinte, os gêneros do discurso nos são dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominou livremente até começarmos o estudo da gramática” (Bakhtin 2003, p. 282). Desse modo, utilizamos livremente tanto a língua quanto os gêneros discursivos (até começarmos o estudo teórico da gramática), o que ocorre em enunciações concretas que ouvimos e usamos na comunicação discursiva no cotidiano com as pessoas que nos rodeiam: “Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas”. As formas da “língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas” (Bakhtin, 2003, p. 282-283).

Na sua obra *Estética da criação verbal*, para entender o aparato da discussão no gênero, o autor enfatiza uma curta explicação em relação aos conceitos de unidades da língua, envolvendo a oração e a palavra. A ‘palavra’, assim como a oração pura e simples, não requer ato comunicativo, não suscita uma atitude de resposta por parte do outro, pode ser retirada do contexto, possui uma conclusibilidade abstrata e, por isso, pode não ser precisa, é o término do elemento e não do todo; a “oração” em si não tem autoria e só passa a representar a intenção do falante a partir do momento em que se torna um enunciado em uma situação discursiva (Bakhtin, 2003).

Ademais, o autor menciona um exemplo comum no cotidiano, em que a ‘palavra’ pode ser contextualizada como um enunciado. Vejamos: ao mostrar um desenho para algum sujeito, de maneira espontânea, frisamos: “Lindo”! Ao fazer essa ação, atribuímos um sentido à ‘palavra’, que impulsiona uma atitude acerca de algo concreto, segundo a nossa própria visão, visto que, ao definir e escolher as

palavras a serem pronunciadas, o fazemos em consonância com as especificidades do gênero discursivo.

Em continuidade, o autor traz outro exemplo para enfatizar seu entendimento: “Neste momento, qualquer alegria é apenas amargura para mim”. Aqui, a palavra ‘alegria’ remete à tristeza, significa que esta palavra está refletindo seu sentido através do gênero, sendo interpretada pelo contexto discursivo. Essa expressividade típica não é da palavra, como unidade da língua - já que ‘alegria’ remeteria à ‘felicidade’ - mas sim “é o resultado do funcionamento da palavra dentro do discurso” (Bakhtin, 2003, p. 293).

Nesse sentido, podemos depreender que a palavra é inserida ao nosso discurso a partir da utilização multiplicativa de outras pessoas para expressar o tom valorativo, principalmente no ato da reelaboração, para validar a interatividade entre os sujeitos, dentro de uma contextualização em que o receptor não é passivo, mas é aquele que ouve e compreende.

Dessa maneira, segundo os conceitos bakhtinianos, a atitude é a principal característica do enunciado, pois ele é único, não pode ser repetido (apenas citado), já que advém de discursos proferidos no exato momento da interação social.

Então, o enunciado é resultante de uma “memória discursiva”, ou seja, repleta de enunciados que já foram proferidos em outras épocas, em outras “situações interacionais, as quais o locutor (inconscientemente) toma como base para realizar a enunciação do momento, para formular seu discurso” (Bakhtin, 2003, p. 295). Tal conceito está intimamente atrelado ao que estamos estudando como narrativa em nossa investigação, haja vista que a narrativa envolve acontecimentos dispostos no tempo e no espaço, os quais, muitas vezes, derivam da memória.

Um outro traço constitutivo do enunciado é o fato de ele ser produzido para alguém. Assim, todo enunciado tem um destinatário. Bakhtin (2003, p. 301) salienta que o outro – “receptor” do discurso – não é necessariamente alguém definido, como acontece “em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional”.

O autor comenta, ainda, que o estilo do discurso é definido a partir de concepções que o locutor tem a respeito do destinatário. Diante do exposto, compreendemos que, nesse processo, devem ser levados em consideração alguns aportes, ao se construir um enunciado, os quais vão desde o assunto, o letramento, as simpatias, até as convicções e os pontos de vista.

Bakhtin (2006) menciona que as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso, visto que a linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem. Sendo assim, a narrativa se encontra em diversos gêneros da vida cotidiana e da literatura.

Resumidamente, Bakhtin (2018) expõe os dois aspectos relativos ao estudo dos gêneros que aqui nos interessam:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas, conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas etc. Já nem falo dos modelos de antologias escolares nos quais crianças aprendem a língua materna e, evidentemente são sempre expressivos (Bakhtin, 2018, p. 294).

Outrossim, quanto aos aspectos do gênero discursivo, Bakhtin (2011) explica que eles são constituídos a partir de três elementos: a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo. Esses elementos estão “indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo” (Bakhtin, 2011, p. 50). Isso ocorre em detrimento tanto da especificidade de um gênero, de acordo com o campo da atividade humana em que ele foi produzido, quanto pela perda do vínculo imediato com a realidade.

Bakhtin (2011) destaca que os gêneros têm uma interface utilizada pela língua, enquanto atividade humana, mesmo tendo momentos simples e complexos marcados pela relação, norteando uma conclusão verbal que reserva ao ouvinte a compreensão.

Sendo assim, para melhor entendimento, Brait e Pistori (2012), autoras contemporâneas estudiosas da obra de Bakhtin, em suas pesquisas acerca da teoria bakhtiniana, apresentam conceitos sobre gênero que podem ser contextualizados ao pensarmos em narrativas. Além disso, as autoras fornecem elementos para se pensar algumas características de gênero do discurso, que necessitam de uma atenção, a partir de uma dupla orientação da realidade. Esse aspecto reitera a ideia de Bakhtin, ao conceber gênero nas circunstâncias temporais, espaciais e

ideológicas que orientam e constituem o discurso, assim como, os elementos linguísticos, enunciativos, formais que possibilitam sua existência.

## 2.2 CONCEITO DE NARRATIVA

A partir dos princípios apresentados anteriormente sobre gêneros do discurso, faz-se necessário que deixemos claro com que conceito de narrativa estamos trabalhando nesta pesquisa. A narrativa, na concepção bakhtiniana aqui assumida, se confunde com o conceito de cronotopo, como mostraremos nesta subseção.

A autora Irene A. Machado (1998) ao publicar o texto *Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica*, trouxe significativas reflexões sobre as ideias defendidas por Bakhtin acerca do referido gênero. Machado (1998) já destacava ser Bakhtin um dos mais criteriosos dentre os teóricos da narrativa. Tal mérito se deve ao tratamento que suas formulações dedicaram, sobretudo, à percepção do tempo na criação verbal. Segundo a citada autora,

Nos estudos sobre narrativa, o tempo sempre ocupou a esfera da maior importância. Afinal, tanto a experiência como a criação são manifestações marcadas pela temporalidade. Apesar da importância do tema, não é de modo sistemático que se pode ter acesso às formulações de Bakhtin sobre o assunto, visto estas se encontrarem disseminadas ao longo de seus estudos sobre os gêneros, o cronotopo, a polifonia (Machado, 1998, p. 25).

Essa percepção ocorre quando Machado (1998, p. 28) menciona que:

Essa é a noção de tempo que levou Bakhtin a perceber a narrativa como uma galeria de quadros diversificados da vida humana em que os escritores discutem não só o que significa viver dentro de dimensões particulares de tempo, como também quais são as consequências sociais, históricas e psicológicas que essas temporalidades específicas produzem (MORSON, 1994, p.3-4) e como elas se relacionam entre si.

A autora acrescenta que, para Bakhtin, o tempo na narrativa é a pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência como na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e das civilizações, quer dizer, no espaço. Eis a síntese teórica que orientou sua abordagem da narrativa como modelo artístico de temporalidades.

A noção de tempo delineada por Bakhtin (2003) apresenta um movimento unidirecional, partindo do passado para chegar ao futuro, dentro de um movimento

do próprio *modus operandi*, especificamente para as narrativas, visando a abordagem dialógica. Trataremos dessa noção no tópico a seguir.

### 2.2.1 O tempo para Bakhtin

No início do século XX, o pensamento de Bakhtin (1982) contrariou muitos autores contemporâneos, por utilizar como critério a distinção do tempo da narrativa e do tempo da experiência, focalizado em formulações para a noção de tempo na simultaneidade, que opera em várias direções.

Conforme explica Machado (1998), o ponto de partida de Bakhtin e a noção que lhe serviu de apoio para questionar a ideia de que na realidade há sempre cronologia é de que somente na narrativa é possível dispor os eventos numa sequência não-cronológica. Se o tempo é simultaneidade, não se pode admitir a sequência cronológica nem dentro nem fora da narrativa literária. Não é esse, portanto, o parâmetro que deve orientar sua compreensão.

Assim, para a autora, na ideia bakhtiniana, o tempo se organiza mediante convenções que não se restringem a definir o movimento e o arranjo das situações; pelo contrário, essas convenções firmam posicionamentos e revelam diferentes formas de ver o mundo. Por isso, a narrativa se torna um campo fértil de investigação, pois nela se constituem os discursos sobre o mundo, a partir dos quais é possível pensarmos as relações dialógicas entre o locutor e o receptor para permitir o entendimento da linguagem.

Nesse sentido, Morson (1994, p. 3-4), ressalta que:

Bakhtin falava que não se pode pensar as relações de temporalidade independentemente das pessoas que vivem e pensam sobre suas vidas. Em outras palavras, a pluralidade temporal não se desvincula da cultura nem das visões de mundo que a constituem. Essa é a noção de tempo que levou Bakhtin a perceber a narrativa como uma galeria de quadros diversificados da vida humana em que os escritores discutem não só o que significa viver dentro de dimensões particulares de tempo, como também quais são as consequências sociais, históricas e psicológicas que essas temporalidades específicas produzem e como elas se relacionam entre si.

Nesse diálogo, é possível afirmar que o empenho de Bakhtin é valorizar o tempo como uma manifestação aberta. Somente assim lhe parece possível considerar o homem no tempo e na sua indeterminação temporal. O homem não vive apenas no tempo: ele vive no grande tempo das culturas e das civilizações.

Ademais, Bakhtin (1982) menciona que uma das grandezas da criação literária é o fato de toda narrativa mostrar-se como síntese desse grande tempo. As obras literárias vivem um grande tempo, pois nascem num presente, mas não se alimentam apenas de sua atualidade. Para o autor (1982, p. 349), “uma obra não pode viver nos séculos posteriores se não se impregnou de alguma maneira dos séculos anteriores”.

Na concepção de Bakhtin (1982), há alternativas reais para o presente que nós vivemos e, por sua vez, o futuro admite várias possibilidades. Há algo de presente no passado que recupera o presente perdido. Narrativas que geralmente oferecem tempos remotos como mero passado tendem a criar uma simples linha de desenvolvimento fora da multiplicidade. É na noção de grande tempo que se pode apreender como a pluralidade e as diversas simultaneidades temporais se tornam textualidade literária.

Mas, nessa reflexão, condicionar a noção de tempo ao espaço dialógico das culturas e das civilizações é entender o tempo e o espaço como duas manifestações de um único fenômeno. Se, teoricamente, o tempo é histórico e o espaço é social, pelas formulações de Bakhtin, somos levados a considerar esse relacionamento sempre em interação (Machado, 1998). Para a autora, o tratamento interativo do espaço-tempo e, conseqüentemente, a apreensão das diversas temporalidades que tal interação manifesta, Bakhtin formula em seus estudos sobre o cronotopo, tendo em vista elementos da teoria da relatividade de Einstein.

Ora, ao se inscrever no espaço, o tempo se torna não somente outra dimensão do espaço, como também resgata o modo de ver o mundo de uma época, de uma obra, de um autor. Não vamos focalizar aqui o cronotopo em seus aspectos teóricos. Interessa-nos examinar como as descobertas sobre o cronotopo se tornaram instrumentos para a análise dos gêneros e, conseqüentemente, dimensionaram as temporalidades representadas nas obras. Para tanto, o apoio advém de Machado (1998).

Nesse sentido, o entendimento de cronotopo, na literatura, traz a compreensão acerca de um conjunto de possibilidades concretas desenvolvidas pelos vários gêneros, no sentido de exprimir a relação das pessoas com os eventos na representação. Dentre a multiplicidade de cronotopo literário, aquele privilegiado por Bakhtin é o cronotopo relativo ao tempo histórico: história dos modos de vida, dos costumes, das instituições e das sociedades (Machado, 1998).

Machado (1998) menciona que a concepção de Bakhtin sobre narrativa possibilita enxergar a escrita com um olhar artístico de sua representatividade em relação ao mundo que se organiza, via linguagem, em gêneros, bem como uma relação de tempo e espaço retratada por uma imagem ou escrita. Para Bakhtin (1997), não só as obras individuais, mas também os gêneros podem ser entendidos como forma de pensamento, uma vez que cada gênero narrativo manifesta um modo específico de entender o tempo.

No contexto educacional, quando se trata sobre narrativa, muito se debate, por conta da importância de estimular e promover práticas sociais de uso da língua e a habilidade da produção textual para enfatizar o cotidiano, quando se trabalha com os gêneros do discurso.

Devemos mencionar também a contribuição de Souza (2021), quando o autor discorre que, nos moldes tradicionais de ensinar à escrita, tinha-se uma correlação da importância do domínio da língua e da gramática; todavia, com a inserção dos novos paradigmas, exigiu-se o entendimento do funcionamento dos gêneros discursivos nas atividades específicas de linguagem dos diferentes campos de atuação, em consonância com as teses defendidas por Mikhail Bakhtin.

Com base em Bakhtin (1997), a escrita de um gênero discursivo não se dá em lugar nenhum, mas em um determinado contexto, no qual o escritor espera que seu texto seja lido, compreendido e, de alguma forma, influencie o leitor. Este último, ao ler, se coloca em uma posição de resposta, ou, para usar um termo bakhtiniano, uma posição de responsividade.

Dessa forma, nos espaços educacionais, surgiram mudanças em defesa de uma aprendizagem voltada aos gêneros, de acordo com o ponto de vista metodológico de Bakhtin, em que se propaga a produção de texto para promover a comunicação de alguma coisa ou de algo. A partir desses aportes, concebe-se que produzir um texto é situar-se como sujeito discursivo que se dirige e se relaciona com um outro, sem o qual não há sentido possível. Além disso, inevitavelmente, essa mútua participação é transformadora para produtor e receptor (Souza, 2021). Portanto, as concepções teóricas dos estudos de Mikhail Bakhtin (1895-1975) nos auxiliam a pensar que as questões dos gêneros discursivos estão relacionadas à compreensão de língua como lugar de interação social.

Todo esse aparato das relações sociais com a construção social da língua era feito pelo próprio Bakhtin (2018), ao chamar a atenção para o fato de que é

fundamental estudar os textos como produções linguísticas, como enunciados de variados tipos e níveis de complexidade. Nas palavras do autor,

Pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há nem pode haver um plano único para o seu estudo: porque, neste caso, em um plano do estudo aparecem fenômenos sumamente heterogêneos, como as réplicas monovocais do dia a dia e o romance de muitos volumes, a ordem militar padronizada e até obrigatória por sua entonação e uma obra lírica profundamente individual etc. A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios. A isto provavelmente se deve ao fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se – e mais que tudo – os gêneros literários. Mas da Antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte da sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos, mas têm com estes uma natureza verbal (linguística) comum. Quase não se levava em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos. [...] Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado (Bakhtin, 2018, p. 262-263).

Percebemos que existe uma grande variedade de elementos do meio social que podem ser inseridos/empregados nos gêneros discursivos, dentre os quais estão atividades de festa, de lazer, de relações que se travam em diferentes lugares da vida cotidiana, em que se pode “comunicar nas variadas circunstâncias concretas da vida”, ele diz ainda que essa inserção de outros gêneros pode “ser intencional ou objetual” (Bakhtin, 2010, p. 125). Dessa forma, compreender as interfaces bakhtinianas nos permite desvelar a inserção dos diferentes gêneros do discurso quando se discute o universo das narrativas como objeto de aprendizagem.

Nesse sentido, discorrendo sobre esse conceito de gênero no território brasileiro, Brait e Pistori (2012) destacam que tal conceito circula de forma intensa, incluído em documentos oficiais de ensino/aprendizagem e em materiais didáticos, merecendo, da parte dos que o mobiliza didática e/ou academicamente, a responsabilidade de considerar as dimensões históricas, sociais e autorais aí implicadas.

Todavia, as autoras explanam que não é simples essa compreensão; às vezes torna-se um desafio, em especial e de forma contundente, para aqueles que estão em sala de aula, pois se exige o reconhecimento de que, em suas múltiplas filiações, a concepção de gênero implica dimensões teóricas e metodológicas diferenciadas, cujas consequências para a compreensão de textos e discursos não

podem ser ignoradas. Ademais, no campo educacional, é importante esclarecer ao aluno as ações de tempo na escrita, para viabilizar uma linguagem que configure a pluralidade social, pois, de acordo com Bakhtin, é possível considerar o homem no tempo e na sua indeterminação temporal.

Brait e Pistori (2012) afirmam que o gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço.

Bakhtin (2003, p. 261) assim tematiza a questão:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo por sua construção composicional.

O autor menciona que, evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados; daí a denominação como gêneros do discurso. A partir disso, Brait e Pistori (2012) apontam as seguintes orientações:

- a primeira orientação é considerada a partir da exterioridade implicada no gênero, ou seja, relacionada à vida, no que diz respeito a tempo, espaço e esfera ideológica a que o gênero se filia. Compreende-se, assim, que o enunciado como totalidade se produz num espaço e num tempo real, podendo ser oral ou escrito, implicando a existência de um auditório de receptores, destinatários, ouvintes e/ou leitores e, de certo modo, a reação dessa recepção. Estabelece-se, portanto, entre o receptor e o autor uma inter-relação, uma interação;
- a segunda orientação, também voltada para a vida, se dá a partir da interioridade do gênero, relacionada a formas, estruturas e conteúdo temático do enunciado em sua totalidade, fator que lhe permite ocupar um lugar na vida cotidiana, unindo-se ou aproximando-se de uma esfera ideológica.

Nessas orientações, lembramos o pensamento de Medviédev (2012), ao considerar gênero, enquanto enunciado em sua totalidade, com dupla orientação na realidade, o que nos leva a entender que:

[...] uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Ela ocupa certo lugar, que é concedido pela vida, enquanto corpo sonoro real. Esse corpo está disposto entre as pessoas que estão organizadas de determinada forma. Essa orientação imediata da palavra como fato, mais exatamente como feito histórico na realidade circundante, determina toda a variedade de gêneros dramáticos, líricos e épicos (Medviédev, 2012, p. 195).

Dessa maneira, ressaltamos a importância de compreender as discussões trazidas para consubstanciar narrativas no âmbito educacional, pois o contato real com múltiplos textos que circulam na sociedade estimula a participação efetiva dos estudantes (e também dos professores) no protagonismo da escrita, contribuindo, assim, para transformar o mundo. Sabemos que o narrador pode ser submetido à influência de certas personagens; então, devemos nos questionar sobre o que acontece com o autor em relação a suas criações. Devemos lembrar que o autor sempre paira por trás da interação dialógica de uma obra (conto, romance, etc.) como um todo, isso acontece em qualquer gênero de texto, pois o autor “não está situado dentro dos vários planos de linguagem presentes nas vozes dos personagens, mas no seu ponto de divergência” (Bakhtin, 2019, p. 22).

Todos os enunciados epistemológicos aqui apresentados fortalecem nossa escolha por Bakhtin, enquanto suporte para nos ajudar a compreender o uso dos gêneros do discurso, nos seguintes termos:

[...] nas diversas esferas da vida social, às quais nos adequamos culturalmente, na singularidade das interações intersubjetivas. O que define um gênero do discurso aos discursos existentes é a sua função social, mas não é um corpo social que fala, e sim, um corpo humano cultural e singular, um sujeito em relação com outro sujeito, com outros sujeitos. Assim qualquer alteração nos gêneros é alteração também das, e nas, esferas sociais (Bakhtin, 2016, p. 50).

Assim, entendemos que a teoria bakhtiniana sobre os gêneros do discurso traz contribuições para o universo educacional, proporcionando uma significativa compreensão das narrativas como material para consubstanciar uma identidade para o estudante, no mundo dos saberes, em relação ao tempo e ao espaço.

Ao final deste capítulo, resumidamente, podemos afirmar que Bakhtin vê a forma narrativa como modelo artístico de tempo, daí seu interesse pelo estudo do gênero (Machado, 1998). O diálogo bakhtiniano se contrapõe ao discurso monológico, sendo compreendido como ação entre interlocutores, visto que

diferentes vozes são por nós atualizadas, de modo que não há um discurso único, isolado de um contexto e do qual não participem outras vozes, outros discursos e alteridades (Bakhtin, 1997).

O gênero narrativo é um conceito nuclear da poética histórica de Bakhtin, não só porque a partir dele é possível reconstituir a imagem espaço-temporal da representação, mas porque orienta todo o uso da linguagem, como o autor demonstrou teoricamente em seu estudo sobre os gêneros discursivos.

Para situar as narrativas nos limites de nossa proposta, alguns princípios metodológicos precisam ser observados, o que tratamos no capítulo a seguir.

### 3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS PARA O TRABALHO COM NARRATIVAS

Após nossa breve explanação acerca da teoria bakhtiniana, apresentamos os princípios metodológicos para o trabalho de análise da obra de Luciana Savaget. Registramos que esses princípios nos permitem analisar as narrativas da referida obra e, a partir disso, abrir a possibilidade de, num estudo futuro, gerar uma proposta de trabalho com narrativas no EF, por meio de um caminho a ser disponibilizado a todos os professores que venham a se interessar pelo tema.

Seguindo, principalmente, as considerações de Amorim (2010), na obra *Cronotopo e exotopia*, ao explicitar a relação entre tempo e espaço, apresentamos os princípios levados em conta nas narrativas. Esses princípios estão em relação muito próxima aos conceitos discutidos anteriormente; por essa razão, inicialmente, fazemos um breve retorno a dois conceitos em especial: cronotopo e exotopia.

O primeiro deles é o cronotopo: trata-se de uma palavra derivada do grego, que norteia o significado de espaço-tempo e sua representação permite a interligação fundamental entre as categorias do espaço e do tempo, assimiladas de forma artística. Desse modo, compreendemos que as narrativas, quando analisadas pelo enfoque conceitual de cronotopo, retratam noções em que se verifica uma contextualização demonstrada pelo espaço no qual foi efetivada a ação, além de um tempo, destacado no texto, que representa as relações dialógicas.

Ainda nesse sentido, Amorim (2010) acrescenta que o termo foi utilizado inicialmente nas ciências matemáticas e depois introduzido e fundamentado na teoria da relatividade de Einstein. Transportado da matemática para a ciência literária, o cronotopo demonstra a importante indissolubilidade entre espaço e tempo (sendo visto o tempo como quarta dimensão do espaço), baseada na “ideia neokantiana segundo a qual cada objeto na sua materialidade é captado por um ato intelectual com base nas categorias de percepção” (Amorim, 2010, p.102).

É também Amorim (2010) quem destaca o segundo conceito eleito por nós como central: a exotopia. Na visão da autora, a palavra nos permite observar, na narrativa, fatos enigmáticos, mas que podem ser visualizados em condições normais, contudo com a inserção de histórias com elementos que não são absolutamente conscientes, pois autor e personagem não se encontram no mesmo plano.

Segundo Amorim (2010), a tradução foi feita do russo para o francês *exotopie*, para difundir para a Europa Ocidental um trabalho sistematizado acerca do pensamento de Bakhtin, ao situar um lugar exterior. Trata-se de um ato espacial para criação e objetivação da ideia iniciada a partir de 1919, que tomou forma entre os anos de 1922 e 1924.

Na teoria bakhtiniana, a exotopia parte de uma relação dialógica que foi produzida dentro de uma percepção daquilo que se vê, mas também como é visto dentro de um panorama diferenciado, que não coincide com a visão do olhar do outro, mas de algo referente ao que o outro proporcionou daquilo que pensa acerca do mundo. Amorim (2010) acrescenta que a exotopia é importante para o trabalho de pesquisa em Ciências Humanas, quando, no texto, enquanto sujeito falante, o homem produz um diálogo com condições de enunciação ou circulação de múltiplos sentidos.

Tomando posse dessa concepção da exotopia, valemo-nos das palavras de Bakhtin (1997, p. 368):

Na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da compreensão. A cultura alheia só se revela em sua completude e em sua profundidade aos olhos de *outra* cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia a novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido [...] encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente.

Com esses dois conceitos em mente, lembramos que eles direcionam o trabalho que propomos com as narrativas. São conceitos distintos, que se relacionam ao espaço-tempo mobilizado pelo autor nas narrativas.

Essa correlação dos termos expressa uma tensão entre os olhares acerca dos pontos de vista em relação aos movimentos para captar e entender o outro e buscar a totalidade do que foi construído ou elaborado. Nesse sentido, Amorim (2010) lembra que, para Bakhtin, os acontecimentos maiores, que definem nossa existência, nascimento e morte não nos pertencem, pois, para ganhar sentido de acontecimentos, precisam ser situados em relação a um antes e a um depois. E não podemos estar antes do nosso nascimento nem depois de nossa morte, fala que

“dialoga na inferência de Bakhtin, ao dizer que ninguém é herói de sua própria vida. Somente posso me constituir como herói no discurso do outro, na criação do outro” (Amorim, 2010, p. 97).

Esses dois conceitos, cronotopo e exotopia, encontram o direcionamento de Brait e Pistori (2012), segundo as quais o enunciado como totalidade se produz num espaço e num tempo real, implicando a existência de um auditório de receptores, assim como também se dá a partir da interioridade do gênero, relacionada a formas, estruturas e conteúdo temático. É com base nessas duas orientações acerca do gênero que direcionamos nosso olhar na proposição de princípios para o trabalho com narrativas no EF.

Dessa forma, expusemos dois princípios metodológicos que subsidiam a análise que fazemos de quatro narrativas apresentadas na obra *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, de Luciana Savaget (2021).

O primeiro princípio – a exotopia - é enfatizado pelo tempo e o espaço e a construção de múltiplas possibilidades de sentidos; aqui, embora já tenhamos ressaltado o conceito de exotopia, é salutar designar uma posição de tempo na dimensão espacial, dentro de uma ideia de acabamento, de construção de um todo, o que implica trabalho de fixação e de enquadramento.

Isso é perceptível pelo acontecimento do próprio pensar, que é um lugar singular e único, face ao outro pensamento, sentido por alguém acerca daquilo que é excedente ao sentido pela visão do outro; trata-se de um tempo referente a determinada vida, em fusão dos índices temporais e espaciais.

O segundo princípio – o cronotopo - se estabelece com base no olhar múltiplo e dialógico do autor sobre o objeto ou acontecimento narrado, a partir do qual o leitor perfaz um entendimento daquilo que é formatado em relação às descrições realizadas. Sendo assim, na narrativa, os elementos que configuram uma ideia de tempo e espaço devem ser analisados dentro de uma conjectura do olhar do outro; mesmo ciente de que o discurso pode fugir da consciência, mesmo inserido em planos diferentes, o autor do texto insere o pensamento que possibilita versões compreensíveis de quem irá ter acesso, pois ocorre uma transformação.

O texto produzido engendra a vida de uma visão própria, mas que pode não materializar elementos inseridos na vivência; por isso, não é algo definitivo, porém configura um mundo que será visto em uma outra visão do homem, daquilo que se

conta ou escreve relacionado a uma trajetória pela coletividade dos gêneros. Assim, Amorim (2010, p. 102) relembra a fala de Bakhtin, que nos remete aos sentidos:

A “concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem”. Parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que se articula com o espaço e forma com ele uma unidade. O tempo, conforme já indicamos, é a dimensão do movimento, da transformação demonstrando o campo do tempo.

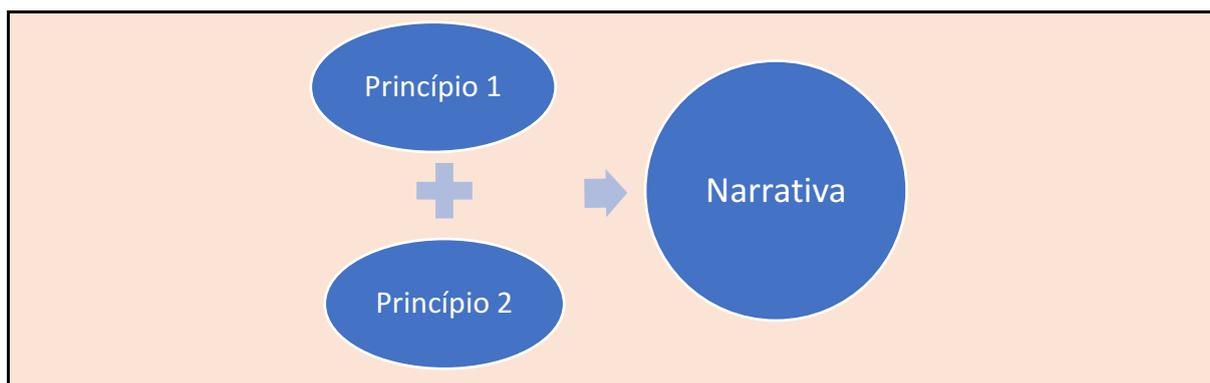
A autora destaca que o tempo compartilhado, porém, se distingue também do tempo mítico, o qual se volta para um passado que é sempre o mesmo, apresentando sentidos que ressignificam e integram o passado e o futuro. A “renovação dos sentidos do passado e criação de sentidos futuros” (Amorim, 2010, p. 103-104).

Ao utilizar a exotopia especificamente acerca da construção do tempo aliado ao espaço da narrativa, bem como o cronotopo (que diz respeito a uma construção de sentido que afeta o todo do texto e se encontra ligada à figura do autor), cabe a cada indivíduo contextualizar uma interface entre tempo e espaço, para evidenciar múltiplos sentidos, sejam eles de expressão sentimental, até mesmo das memórias, ou retratar por imagens ou qualquer outra forma artística, escrita ou verbal.

Dessa maneira, o conceito de cronotopo trata de uma produção da história, para designar um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem, ligada aos gêneros e suas trajetórias. Os “gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e, assim, visões típicas do homem” (Amorim, 2010, p. 105).

Na Figura 1, sintetizamos os princípios que consideramos pertinentes para um trabalho com narrativas:

**Figura 1** - Princípios metodológicos



<b>Princípio 1 Exotopia</b>	A narrativa se constitui a partir do olhar múltiplo e dialógico do autor - exotópico - frisa sobre o objeto ou acontecimento narrado
<b>Princípio 2 Cronotopo</b>	A construção do tempo aliado ao espaço da narrativa - cronotopo - diz respeito a uma construção de sentido que afeta o todo do texto e encontra-se ligada à figura do autor.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Destacamos que olhar as narrativas pelos princípios propostos é um significativo desafio no universo escolar, em detrimento de hábitos que, no cotidiano, não são considerados na inserção dos saberes, especificamente no desenvolvimento educacional, em que muitos olhares devem ser constituídos na formação de futuros cidadãos no que concerne a suas produções textuais, ao expor suas ideias, sejam elas conscientes ou não, mas que expressem discursos.

No próximo capítulo, apresentamos uma proposta de análise que pode, futuramente, ser usada em contextos escolares. Ademais, no momento, nosso intuito é aprofundar a reflexão com ilustração dos princípios apontados, numa situação concreta da atividade narrativa.

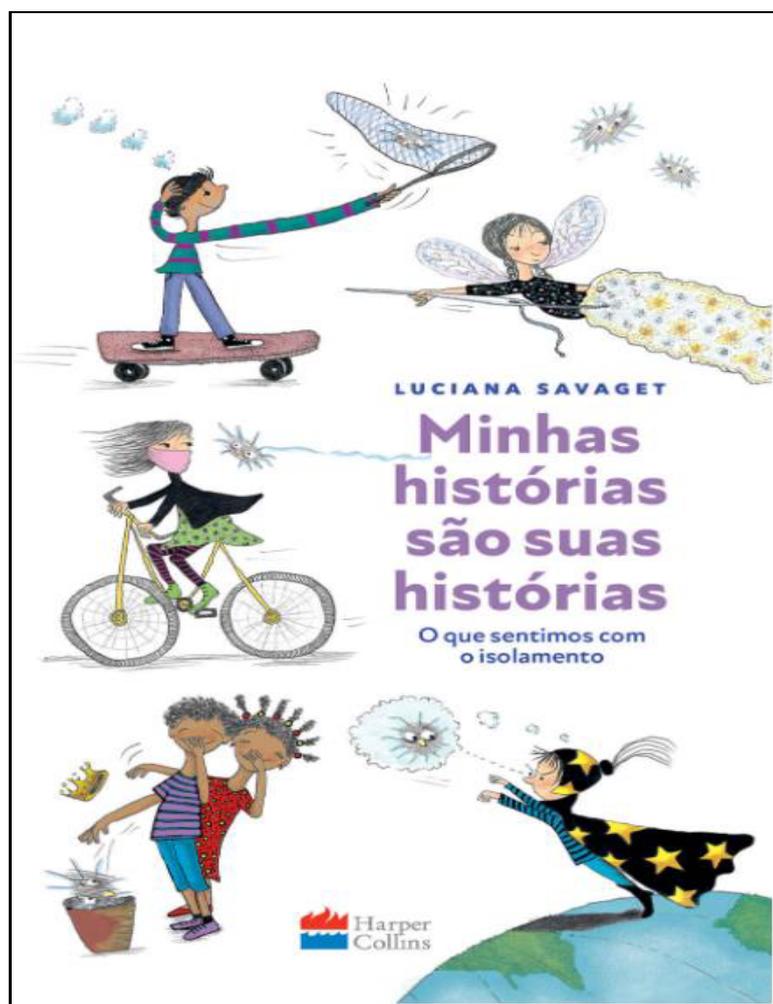
## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO: O CASO DAS NARRATIVAS NA OBRA *MINHAS HISTÓRIAS SÃO SUAS HISTÓRIAS: O QUE SENTIMOS COM O ISOLAMENTO*

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos a obra analisada; na sequência, trazemos a análise realizada à luz dos princípios teórico-metodológicos que orientaram nosso estudo.

### 4.1 A OBRA

A obra analisada, intitulada *Minhas histórias são suas histórias: o que sentimos com o isolamento*, foi escrita por Luciana Savaget (2021), jornalista, nascida no Rio de Janeiro. Na Figura 2, reproduzimos a capa do livro:

Figura 2 - O livro



Fonte: Savaget (2021)

A autora ganhou diversos prêmios, entre eles o de “Personalidade do Ano Internacional da Criança”, conferido pela União Brasileira dos Escritores (UBE), da Academia Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo e Menção Honrosa do “Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos”. Publicou mais de 35 livros no Brasil, na Alemanha, na Arábia Saudita, em Cuba, na Palestina e no México.

Suas obras foram traduzidas para o alemão, árabe e espanhol e lançadas em 11 países, feitas com adaptações criativas, com resgate de personagens e fatos históricos do Brasil, especificamente para o público infanto-juvenil. Geralmente suas obras infantis são ilustradas por artistas internacionais, a fim de constituir uma leitura com imagens para ampliar a criatividade e a imaginação dos leitores.

A obra aqui analisada retrata um momento no qual a autora reuniu 38 relatos de crianças, dos quatro aos 13 anos, dos mais diversos países. São relatos doces, ingênuos, fantasiosos, ou mesmo de uma lucidez surpreendente. Fazem-nos rir e chorar, nos emocionam e nos mostram as verdadeiras e mais pungentes inquietações da nova geração.

A obra decorre de um momento jamais imaginado: a pandemia da Covid-19, ocorrida no ano de 2020, que nos obrigou ao isolamento social como medida preventiva para resguardar a vida de um vírus que se propagou na humanidade com muita celeridade, além de levar a óbito diversos cidadãos em todo o mundo. Esse momento nos trouxe novas experiências individuais e coletivas, bem como mudanças comportamentais em diversos campos.

O livro retrata uma série de histórias narradas por crianças que moram em diversos países e que descrevem seus sentimentos e vivências no período pandêmico. Inicialmente, Savaget (2021) evidencia que o planeta parou num piscar de olhos, exatamente como nos filmes de ficção científica. Um vírus invisível, indecifrável até então, sem cor, sem cheiro ou alguma forma que pudesse ser vista fora das lentes de um microscópio nocauteou o mundo.

Antes da pandemia, as crianças iam à escola, à casa dos avós e visitavam os amigos... Até que, de repente, tudo fechou. Crianças, do mundo todo, presas dentro de casa, tiveram de lidar com o ócio e com as inseguranças trazidas por notícias ruins, com a expectativa por dias melhores (Savaget, 2021).

## 4.2 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Diante do universo exposto, escolhemos quatro depoimentos constitutivos de quatro narrativas para proceder nossa análise. Na sequência, apresentamos as análises da seguinte forma: inicialmente, fazemos um comentário geral sobre cada uma das narrativas, numa espécie de contextualização da história; num segundo momento, optamos por citar cada narrativa na sequência do texto, uma vez que se trata de material pouco extenso e sua citação nesta seção facilita a compreensão do leitor; depois disso, ocupamo-nos dos princípios teórico-metodológicos que guiam nosso trabalho, na busca de apresentar uma reflexão acerca da produção de narrativas pautada em princípios teórico-metodológicos derivados dos estudos bakhtinianos acerca de exotopia e cronotopo.

As narrativas nos trazem a possibilidade analítica quando pensamos na ideia de Bakhtin, ao falar das histórias dentro de uma contextualização que apresenta tempo e espaço, em que, predominantemente, verificamos que todos os trechos selecionados apresentam o cronotopo “casa”.

Nesse sentido, Bakhtin (2018, p. 28) faz um importante destaque:

Motivos como encontro/despida (separação), perda/ obtenção, buscas/ descoberta, reconhecimento/ não reconhecimento, entre outros, entram como elementos constitutivos do enredo não só de romances de várias épocas e de vários tipos, mas em obras literárias de outros gêneros (épicas, dramáticos e até líricos). *Esses motivos são cronotópicos por natureza* (é verdade que de modo diverso nos diferentes gêneros).

A primeira narrativa que analisamos tem como protagonista Quon (9 anos), morador de Guangdpng, na China. Sua história foi narrada em 02 de abril de 2020. Ele gosta do lugar onde mora. Acredita viver em um mundo futurista, onde uma torre de televisão local é um arranha-céu igual a uma fina ampulheta retorcida, que fica iluminada à noite com as cores do arco-íris. Vejamos a narrativa:

### **Narrativa 1**

Meu pai falou que meu nome quer dizer 'brilhante'. Eu preferia que não tivesse esse significado porque brilhante pra mim é esse vírus.

Tenho certeza que ele é prateado como um meteoro e vem de outro planeta. Até pesquisei se ele veio de Marte e desceu por uma nave espacial, daquelas iguais aos meus jogos.

**Na primeira semana eu não tive medo, na segunda, mais ou menos, e na terceira não consegui respirar achando que esse bicho ia entrar pelo nariz, pra dentro de mim.** Minha mãe colocou um pano na porta para que nada entrasse pela brecha. Meu pai recebeu ordens de não sair de casa.

**Um dia eu fiquei imóvel na cama, imaginando que, se eu me mexesse, o vírus ia descobrir onde eu estava.** Fiquei com muito medo. Minha professora me acalmou. Agora parece que esse bicho cansou do meu país e está visitando outros lugares.

Não sei como vai ser a minha vida daqui pra frente. Eu ainda não sinto vontade de sair de casa, e o avô do Chang, meu amigo, foi para o hospital e nunca mais voltou. A mãe dele disse que ele foi viajar, mas eu acho que morreu (Quon. In: Savaget, 2021).

Ao analisar o texto de Quon, percebemos a contextualização pontual de tempo-espaço quando ele assim relata: “na primeira semana eu não tive medo, na segunda mais ou menos”; na sequência, expõe: “na terceira não consegui respirar”. Conforme seus sentimentos, a criança vai fazendo uma definição de tempo-espaço para que possamos compreender cada etapa ocorrida em sua experiência com e na pandemia.

Essa mesma pontuação ele enfatiza ao mencionar: “um dia eu fiquei imóvel na cama”; além do tempo, evidencia o local em que se encontrava. Assim, o leitor da história tem um significativo entendimento dos momentos em que Quon transcreve sua vivência na narrativa.

Assim, à luz do Princípio 1, a narrativa se constitui a partir do olhar múltiplo e dialógico do autor sobre o objeto ou acontecimento narrado. Nesse sentido, destacamos a passagem: “Minha mãe colocou um pano na porta para que nada entrasse pela brecha. Meu pai recebeu ordens de não sair de casa” e “Não sei como vai ser a minha vida daqui pra frente. Eu ainda não sinto vontade de sair de casa, e o avô do Chang, meu amigo, foi para o hospital e nunca mais voltou. A mãe dele disse que ele foi viajar, mas eu acho que morreu”. Notamos que, na narrativa, existe um olhar múltiplo quando o autor realiza um diálogo direto com o objeto que descreve, como uma ação de perguntas e respostas feitas no cotidiano, por meio da incerteza do amanhã, ao pensar como será sua vida após a pandemia, demonstrando insegurança ao sair de casa, situação vivida não só por Quon, mas também, por grande parte das pessoas da sociedade no momento da pandemia.

Quando analisamos esse olhar múltiplo e dialógico, com maior foco na teoria bakhtiniana, entendemos que tal olhar se fez pelas informações que chegavam do

meio e causavam sentimentos de imprecisões, pela diversidade de informações que marcaram a comunicação na pandemia. Esse medo foi impulsionado pelos inúmeros comentários, a cada instante e de formas diferentes, vivenciados por Quon, evidenciando um cenário de muitas questões emocionais e perigo ao mesmo tempo. O período se marca, em diferentes discursos, por dados do vírus e pelo elevado quantitativo de óbitos, além da ideia de que não havia cura e, por isso, a importância do isolamento social.

Diante do cenário que Quon passava na pandemia, notamos que o olhar exotópico se apresenta a partir da intercorrência, na narrativa, de tantos conhecimentos que estavam sendo disseminados socialmente e propagados mundialmente.

Quando verificamos a narrativa em relação ao Princípio 2, na frase “Agora parece que esse bicho cansou do meu país e está visitando outros lugares”, percebemos *que* o autor discorre sobre o tempo e o espaço. O cronotopo dessa narrativa envolve a relação da criança com o vírus em seu país. A escrita de Quon afirma que o vírus, surgido na China, ao longo do tempo foi avançando para outros países. O tempo e o espaço vão se modificando ao longo dos acontecimentos, repercutindo e dando sentido aos detalhes mencionados na narrativa.

Além disso, ao mesmo tempo em que frisa que no país a contaminação se fez presente, mas que agora estava se expandindo para outros lugares, a expressão causa sentimentos de preocupação e alívio, mesmo sendo incerto o momento da pandemia no cenário mundial, pois muitos cidadãos mencionavam que a China era a responsável por propagar o vírus para todos os países. Esse olhar é controverso e altamente significativo na situação do menino em questão. Essa maneira de registrar a experiência destaca a culpabilidade que chegava até Quon.

A leitura da história de Quon nos remete ao que Bakhtin (2002) destaca no conceito de cronotopo: são os elementos temporais espaciais que constroem os acontecimentos e traduzem a concretude a ela. Dessa forma, observamos que o tempo e o espaço delineiam os elementos na narrativa de Quon, ao frisar detalhes em relação ao quando e ao local, além dos sentimentos ocorridos.

A segunda narrativa escolhida para análise foi a de Pietro (12 anos), que residia em Florença, na Itália, e que escreveu o relato em 25 de setembro de 2020. Savaget (2021) menciona que Pietro prefere a quietude e a companhia dos seus livros, é bastante criativo, original, intuitivo. Coleciona mapas-múndi e gosta muito de

geografia e história. Sua mãe é brasileira e seu pai italiano. Viveu em Alexandria, no Egito, e fala um pouco de português. Tem muita dúvida sobre o que quer ser quando crescer: “o futuro é o futuro”.

## Narrativa 2

**Fiquei três meses sem sair de casa**, só podia ir até o portão do prédio. Conversava com meus colegas apenas por telefone. Foi uma experiência interessante, **aprendemos a fazer coisas novas em casa**. Tudo é diferente. Tenho aulas on-line, e os deveres de casa são escritos pelos professores na plataforma eletrônica.

Aqui as pessoas não desistem, dizem que somos fortes e vamos derrotar esta guerra. Fico feliz que as pessoas pensem assim. **Ficar em casa é muito entediante, mas sei que tudo vai passar e voltaremos à normalidade.**

O coronavírus para mim é como um inimigo muito mal e cruel.

Agradeço aos médicos que todos os dias arriscam suas vidas pelos outros e fazem hora extra. Desejo que todas as doenças tenham cura, e que todas as pessoas que vivem em países mais pobres consigam tratamentos públicos gratuitos (Pietro. In: Savaget, 2021).

A segunda narrativa expõe as ideias de Pietro, que enfatiza o tempo e o espaço por meio da identificação “fiquei três meses sem sair de casa”, além de mencionar que “aprendemos a fazer coisas novas em casa”, verificando a possibilidade de inserir uma nova história pela contextualização do “novo”, bem como a consciência dos dias que já estava sem sair de casa.

Pietro fala de um tempo como se fosse algo que lhe causava um processo de forte emoção, mas que aquele estado socioemocional poderia ser mudado: “ficar em casa é muito entediante”. Na continuação da frase anterior, Pietro coloca um tempo que pode ser observado quando ressalta: “mas sei que tudo vai passar e voltaremos à normalidade”. Trata-se de uma narrativa que demonstra um menino consciente de que tudo dependerá de um espaço para consubstanciar o retorno à vida normal.

Bakhtin (1997, p. 211) infere que o tempo “condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história”. Os índices do tempo transparecem no espaço e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo.

Essa leitura bakhtiniana nos traz uma perspectiva do tempo e do espaço quando, na narrativa, encontramos uma afirmação engendradora pelo novo que transforma, assim como Pietro evidenciou na sua escrita. Dessa forma, na narrativa

de Pietro encontramos o princípio 1, marcado em: “As pessoas não desistem, dizem que somos forte e vamos derrotar esta guerra, e na frase “Desejo que todas as doenças tenham cura, e que todas as pessoas que vivem em países mais pobres consigam tratamentos públicos gratuitos”.

Nestes trechos, temos a presença do autor dialogando de forma múltipla sobre as próprias escritas, ao expor o acontecimento através do olhar dos fatos ocorridos. Ao trazer o aporte exotópico para a análise da narrativa de Pietro, verificamos que o isolamento social ordenado naquele momento pandêmico, como mecanismo protetivo, aconteceu de forma abrupta para todos os sujeitos. Da noite para o dia, tudo parou e as pessoas ficaram em casa sem nenhuma ação presencial; só podiam sair aqueles que estavam exercendo uma atividade essencial para proteger a humanidade, como foi o caso dos profissionais da saúde, policiamento, comerciantes de gênero alimentícios e outros.

Assim, todos começaram a viver em ritmo de guerra, como única propositura para lutar contra o vírus; mesmo em nossos lares, a luta para sobreviver era enorme, deveriam ser criadas as estratégias de sanitização em todas as atividades como forma de resguardar a própria vida e não sermos contaminados.

Se, porventura, houvesse a contaminação, o isolamento era a privação da presença dos familiares, causando a ampliação de sentimentos de medo da possível não cura e, quando havia necessidade de internação, pioravam as emoções.

Essa postura do ‘pronto para guerra’ de Pietro destaca o diálogo que transitava em todas as famílias, por meio dos canais de comunicação, que traziam a pregação do fim do mundo por conta da Covid-19.

Sequencialmente, verificamos o princípio 2 quando o texto menciona: “conversava com meus colegas apenas por telefone”. Essa construção atesta, na escrita, um sentido em relação à mudança no cotidiano a partir da exigência do confinamento, pois o autor enfatiza que a única forma de conversar era pelo telefone, ou seja, discorre sobre um sentido pelo qual ocorria aquela ação dentro de um espaço e tempo.

Durante a pandemia, o tempo e o espaço da criança ficaram paralisados em diversas ações sociais. O mundo parou!... A escola deixou de ofertar o ensino presencial, novas posturas pessoais e profissionais foram adotadas e, com isso, ocorreu uma ressignificação, para contextualizar que, gradativamente, os atos se modificam.

Nesse princípio 2 da narrativa de Pietro, percebemos explicitamente o cronotopo, conforme explica Bakhtin (2018, p. 12):

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto. Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo, da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.

Portanto, é salutar entender que o cronotopo trata de uma fusão de tempo e espaço, representados na elaboração das narrativas pelos sujeitos participantes da obra.

A terceira narrativa foi desenvolvida por Dolores (13 anos), que residia em Rosario, na Argentina. Ela é a mais velha de uma família com três irmãos. Os tios e os primos vivem todos juntos, em um prédio construído pelo avô, em uma famosa rua arborizada: a Boulevard Oroño. Sua escrita foi sistematizada no dia 10 de outubro de 2020.

### Narrativa 3

**De dois em dois meses** nós fomos a Buenos Aires para visitar a minha avó, que está com 82 anos. E nossa família tem uma casa no balneário La Florida, **onde nos banhamos no rio, é uma delícia.**

Com a pandemia, **nunca mais fomos a Buenos Aires nem a La Florida.** Eu morro de saudades dos meus amigos, dos banhos de ducha, de andar de caiaque. **Estou em casa há mais de seis meses.** Estudo pelo computador e nem sequer tenho ido brincar com o Juaniquito, meu primo, que mora lá em cima. Ele pegou esse vírus. Mamãe nos proibiu de circular pelas escadas.

A minha avó quase morreu, chegou a ficar internada. Mas graças à Nossa Senhora de Luján, ela já está bem.

**No começo ficar em casa foi divertido, agora já não aguento mais.** Estou escrevendo um diário e quero publicar na internet depois. Quero que fique como registro para as futuras gerações;

**Quando eu crescer vou ser médica.** Vou me dedicar ao estudo de uma vacina mais eficaz que todas. Espero que nunca mais ninguém passe pelo que estamos passando (Dolores. In: Savaget, 2021).

A contextualização de Dolores, assim como nas narrativas anteriores, traz afirmações quanto ao tempo e ao espaço vivenciados, ao referendar “dois em dois meses”; “onde nos banhamos no rio, é uma delícia”. Percebemos que a autora do texto frisa o tempo em que praticava algo pontual na vida, bem como expressa o

local que demonstra o espaço do qual traz lembranças. Em continuidade, discorre que “nunca mais fomos a Buenos Aires nem a La Florida”; esse destaque afirma o tempo como algo distante de ocorrer novamente, pois, pela palavra “nunca”, temos um novo tempo/espaço de impedimento na história.

Essa menção também é vista em “estou em casa há mais de seis meses”, frase que atesta que a autora possui consciência dos dias em que está em casa por conta da pandemia. Ainda menciona que “no começo ficar em casa foi divertido, agora já não aguento mais”. Esse momento ressalta também o tempo em sua narrativa.

Ao finalizar, diz: “quando eu crescer vou ser médica”. Essa frase delinea o tempo e o espaço como uma ação futura, pois apresenta as expectativas da autora na tentativa de determinar o amanhã e o campo de atuação.

Ao analisar a produção de Dolores, lembramos do pensamento de Bakhtin, ao destacar que o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com elementos do mundo, com valores do mundo e da vida; esse estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de informação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina a relação também com o material, a palavra, cuja natureza, evidentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação (Bakhtin 2003).

A narrativa produzida por Dolores traz momentos de contextualização explícita dos espaços e do tempo em que ocorrem sua história. No seu texto, o princípio 1 é evidenciado pela frase “Estou escrevendo um diário e quero publicar na internet depois. Quero que fique como registro para as futuras gerações...”; reiteradamente, verificamos, em primeiro lugar, que a narradora demonstra ter consciência do que está havendo, bem como fica explícito seu olhar no diálogo com o objeto, neste caso, afirmando que deixará o registro do ocorrido para as futuras gerações.

Assim como Quon e Pietro, os saberes evidenciados na pandemia descrevem a replicação de momentos que deveriam ficar registrados, como enfatiza Dolores, pois as futuras gerações precisam saber sobre aquele dado momento da vida humana, quando, mundialmente, houve uma ruptura social na presencialidade dos indivíduos em suas ações habituais. Crianças tiveram sua infância rompida, adolescentes deixaram de viver a celeridade da idade, familiares ficaram afastados, amigos somente pelas redes sociais. Além do mais, nesse período, surgiu a possibilidade de cura e todas as pessoas tiveram que ser vacinadas para assegurar

e impedir a contaminação pelo vírus da Covid-19. Aglomerar-se era um ato que não poderia haver entre os grupos sociais, pois significava a propagação em massa do vírus.

Todos esses fatores eram plenamente percebidos por Dolores e refletem um processo dialógico com os dados trazidos para sua escrita; por isso sua afirmativa em deixar narrativas para que, futuramente, os leitores tenham noção de um tempo jamais imaginado por todos da Terra.

O princípio 2 é destacado pelo fragmento “Estudo pelo computador e nem sequer tenho ido brincar com o Juaniquito, meu primo, que mora lá em cima” e a “A minha avó quase morreu, chegou a ficar internada. Mas graças à Nossa Senhora de Luján, ela está bem”.

Novamente, inferimos que, nas narrativas, são evidenciados os princípios de tempo e espaço trazidos pela ideia de cronotopo, quando Dolores relata que estuda pelo computador, afirmando que uma nova formatação foi feita na pandemia: o ensino passou a ser ofertado pelas ferramentas tecnológicas, assim como ocorreu o processo de comunicação pelo uso dos aparelhos celulares, para diminuir a saudade dos familiares e amigos.

Percebemos que, enquanto criança, Dolores precisou assumir novos hábitos para acompanhar o formato exigido para todos. Até mesmo as brincadeiras que anteriormente realizava com seu primo ficaram omissas. Isso causou grandes lacunas nessa etapa da infância de todas as crianças que viveram a pandemia, uma vez que o movimento é característica desse momento, o que lhes foi impedido em razão do isolamento em casa, restringindo diversas ações que ocorrem nessa etapa da vida.

Desse modo, a partir do uso das tecnologias, conforme evidenciam as narrativas, os sujeitos implantaram diversas práticas, dentre as quais estão os formatos virtuais para reuniões de trabalho, para resolução dos problemas profissionais, até mesmo alguns atendimentos médicos, psicológicos e terapêuticos passaram a ser realizados por meio de uma tela. Foi necessária a adoção de estratégias para garantir a continuidade da vida, mesmo com um panorama de significativas perdas. Entretanto, o tempo e o espaço delinearam novas posturas sociais e comportamentais, que ficaram permanentes em muitos atos humanos.

Até mesmo a garantia dos alimentos mudou no cotidiano das pessoas. Houve um grande aumento no serviço de *delivery*, o *e-commerce* ampliou as vendas, os

produtos e serviços passaram a chegar às residências com mais celeridade diante das urgências e necessidades. Assim, de modo geral, todos nós nos sentimos impulsionados a ressignificar um novo tempo, dentro de um espaço que fundamenta novas práticas de ordem social, cultural, política e até mesmo educacional e econômica. Em praticamente todos os países do mundo foram adotadas atitudes e procedimentos, dos quais muitos permanecem após o percurso pandêmico.

Ao analisar a narrativa de Dolores, relembramos que a ideia central de Bakhtin é oferecer um ponto de partida para análises temporais e espaciais que podem ser retratadas nas narrativas. No âmbito de uma única obra e nos limites da criação de um autor, observamos o cronotopo quando a narradora expõe a redução do ritmo no seu no dia a dia, bem como a evolução da saúde da avó; aqui, percebemos relações recíprocas complexas (específicas de uma dada obra e de um dado autor), cabendo observar que um desses cronotopo costuma ser abrangente ou dominante. De acordo com Bakhtin (2018, p. 229), “os cronotopos podem incorporar-se uns aos outros, coexistir, entrelaçar-se, permutar-se, confrontar-se, contrapor-se ou encontrar-se em inter-relações mais complexas”.

A última narrativa analisada foi produzida por Maria da Conceição (12 anos), residente de Tomar, também conhecida como a Cidade dos Templários, em Portugal. A menina escreveu esse texto em 21 de agosto de 2020. Filha de bordadeira, vive com a mãe e a avó. Cresceu escutando histórias de fadas e bruxas em meio a homens de armadura medieval e hoje se preocupa com a natureza.

#### **Narrativa 4**

Antes do coronavírus chegar, **eu pedalava alguns quilômetros** para chegar à escola. Depois, as escolas fecharam.

O pior foi ficar isolada em casa, mas de alguma maneira eu gostei. Minha mãe me deu mais atenção e não me deixava ficar muito tempo no celular conversando com as minhas amigas.

A **professora vinha de vez em quando aqui na rua** para conferir se as nossas tarefas estavam sendo feitas direitinho ou se tínhamos alguma dúvida. Aprendi a não me lastimar.

O mundo vai mudar, como já mudaram os meus hábitos e a vida da minha mãe e da minha avó, que foi proibida de ir à casa da Eulália, nossa vizinha. A mamãe tem me ensinado novos pontos de bordado. **Quando o mundo voltar a caminhar, vou fazer bordados para os enxovais das noivas de Tomar.**

Eu quero colorir o mundo para trazer alegria pra todo mundo. O planeta está muito triste. **As pessoas estão sem cor.** Vou criar uma fábrica de bordados

**quando eu crescer.** Vai ser gigante, e eu vou exportar vestidos para todas as noivas de Portugal (Maria da Conceição. In: Savaget, 2021).

Em sua narrativa, Maria frisa bem o espaço, ao discorrer que “pedalava alguns quilômetros”; aqui percebemos também a noção de tempo que, na sua concepção, significava a distância do percurso que fazia em seu cotidiano. Na continuidade, a narradora diz que “a professora vinha de vez em quando aqui na rua”, frase em que o espaço é configurado pelo trecho “aqui na rua”.

Outro ponto que nos chama a atenção na narrativa é “quando o mundo voltar a caminhar, vou fazer bordados para os enxovais de noivas de Tomar”; nessa construção percebemos nitidamente a noção de cronotopo, pois, mesmo passando pelo isolamento, a narradora tinha em mente que um dia as coisas voltariam à normalidade. Essa ideia se amplia e ao mesmo tempo promove uma reflexão, quando a menina diz: “as pessoas estão sem cor”. Essa escrita demonstra o sentido de tempo em detrimento da pandemia, como se todos estivessem estagnados e parados. Destarte, Maria insere “quando eu crescer”, expressão que traz esclarecimentos do tempo, que será o seu desenvolvimento, evidenciando que a autora sabe como funcionam o tempo e o espaço.

Na análise dos princípios na narrativa de Maria, o princípio 1 é visto em: “Aqui houve mas de alguma maneira eu gostei. Minha mãe me deu mais atenção e não me deixava ficar muito tempo no celular conversando com as minhas amigas”.

Ora, com o isolamento dos sujeitos, coube às famílias se unir e vivenciar a cada dia os perigos propagados pelo vírus; desse modo, além de estarem reunidos, os familiares precisavam criar estratégias de proteção e cuidados para evitar a contaminação. Dessa forma, o isolamento social trouxe para muitas crianças um tempo maior com seus pais e/ou responsáveis que, em razão da celeridade social, geralmente ficam separados dos filhos. Além disso, na narrativa em foco, podemos acompanhar o comportamento das crianças, ao serem impedidas de usar o aparelho celular por muito tempo, como relatou Maria.

No contexto exotópico da narrativa, temos a construção: “Eu quero colorir o mundo para trazer a alegria pra todo mundo. O planeta está muito triste”. Essa sentença evidencia que as informações que chegavam a Portugal, onde reside Maria, assim como em todos os países, era de uma realidade devastadora. Os noticiários, a cada instante, propagavam um quadro com números assustadores e, ao ter acesso a essas informações, as crianças fizeram como Maria, ao dizer que o

mundo estava triste pelo adoecimento, pela contaminação do vírus, que ocasionou diversos óbitos.

Uma tristeza causada pelas dores do luto, da perda de entes queridos, que mudou as cores do planeta, sendo o preto visto em todos os espaços, pois as mortes eram corriqueiras e nem ao menos os corpos podiam ser velados dignamente. É certo que o isolamento nos trouxe benefícios, ao promover a seguridade da vida, porém causou rupturas emocionais e abreviou etapas de extrema importância, se pensarmos nas crianças, que iriam começar sua vida escolar, bem como nos sujeitos que estavam na fase de decidir seu futuro profissional, nas etapas práticas exigidas para a conclusão de um curso no ensino superior. Tais momentos não serão recuperados e nem vivenciados. A pandemia trouxe lições para todos nós. Percebemos que a presencialidade é de extrema importância para o convívio social, intelectual e emocional.

No entanto, mesmo em meio à realidade pandêmica, Maria afirma que “Vai ser gigante, e eu vou exportar vestidos para todas as noivas de Portugal”. Verificamos o empoderamento motivacional de Maria: mesmo diante de um mundo triste, ela vai ser gigante, demonstrando a criatividade e a esperança de que o amanhã será melhor. Tal afirmativa dialoga com a cura trazida pelas vacinas, que trouxeram a esperança de se conter a disseminação do vírus.

O princípio 2 é contextualizado nos trechos “o pior foi ficar isolado em casa”, “Aprendi a não me lastimar” e “O mundo vai mudar, como já mudaram os meus hábitos”. A presença do tempo e espaço é referendada pelo cronotopo na narrativa de Maria, ao contextualizar que o mundo vai mudar, assim como mudaram os seus hábitos, asseverando as alterações que ocorrem na humanidade; neste caso específico, tais alterações se dão a partir do vírus, que provocou renovações inseridas socialmente nos tempos hodiernos.

De acordo com Bakhtin, a realidade é essencialmente contraditória e está em permanente transformação, sendo o espaço correlato à localização geográfica concreta e o tempo compreendido como fluxo histórico de acontecimentos. Dessa forma, os elementos de tempo se revelam no espaço; então, na teoria bakhtiniana, o espaço é entendido e medido por meio do tempo.

Nas narrativas, verificamos que, em muitos momentos, as crianças dialogam diretamente com aquele objeto que descrevem, diante das diversas comunicações propagadas e socializadas sobre o cenário da pandemia, além de marcarem o seu

olhar, de forma generalizada, sobre o que estava acontecendo a partir da propagação do vírus e as medidas adotadas, como o isolamento social. Diversos fragmentos dos textos nos permitem perceber esses diálogos com o meio exotópico, que acabam influenciando as escritas das crianças.

O segundo princípio é perceptível quando os momentos temporais e espaciais são mensurados por uma ação, na escrita, que envolve a construção de um sentido para o futuro leitor ter a compreensão dos fatos elencados na história.

Ao fechar esse olhar para as narrativas, podemos afirmar que os relatos expressam veemente o envolvimento do autor com a escrita desenvolvida, com os cuidados em demonstrar a visão de tempo e do espaço dos fatos discorridos. Nos textos analisados, percebemos, nos detalhes, que a obra fala do momento pandêmico e de uma realidade modificada, mas que permanece com seus reflexos em atitudes e ações no cotidiano e no uso da linguagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às palavras finais desta pesquisa, afirmamos a importância de conhecer o empoderamento que as narrativas trazem para a sociedade, principalmente a contemporânea, ao contemplar um novo arcabouço de perfis humanos por conta das inovações no processo comunicacional, principalmente se analisarmos a vivência ocorrida na pandemia provocada pelo vírus da Covid-19.

Assim, podemos mencionar a grandiosidade que compõe o campo analítico de uma narrativa, considerando-se a exposição dos sentidos e olhares dos autores, ao relatar momentos de experiências que ocorrem no seu cotidiano, demonstrando em suas ideias a essencialidade de etapas reais de acontecimentos que norteiam e amparam suas emoções e significados sociais.

Nesse sentido, ao discorrer sobre a obra em questão, a qual apresenta várias narrativas escritas por crianças que residem em diversos países, destacamos que essas crianças viveram um momento jamais pensado no ano de 2020, quando toda a humanidade se viu obrigada a experimentar o isolamento social e a privação de diversas ações que, corriqueiramente, eram efetivadas, dentre as quais estava a presencialidade no ambiente escolar, nos parques, nas viagens e até mesmo nas brincadeiras com amigos.

A proposta trazida por Savaget (2021), além de proporcionar a participação das crianças, apresenta histórias que nos possibilitou fazer a análise proposta, à luz dos princípios que elegemos como derivados da leitura da obra bakhtiniana. Sendo assim, analisamos quatro narrativas selecionadas.

Podemos afirmar que os momentos analíticos nos trouxeram um olhar mais alargado acerca do tempo e do espaço, bem como a influência que o meio exerce na escrita textual, além da propagação de novos hábitos assumidos como posturas fixas na ação humana, a partir de experiências vivenciadas e medidas adotadas para garantir a segurança como foi descrito no percurso pandêmico.

Nesse aspecto, as narrativas contextualizadas por Quon, Pietro, Dolores e Maria nos possibilitaram chegar às seguintes considerações:

- as narrativas se constituem a partir do olhar múltiplo e dialógico dos autores - exotópico - sobre o objeto ou acontecimento narrado;

- a construção do tempo aliado ao espaço da narrativa - cronotopo - diz respeito a uma construção de sentido que afeta o todo do texto e encontra-se ligada à figura do autor.

Nossas considerações decorrem da percepção de que as narrativas escritas por essas crianças revelam sua própria realidade em meio à realidade que o vírus trouxe para os sujeitos, as incertezas, as impreviões, os sentimentos e o medo do perigo diante de um quadro de muitos adoecimentos e lutos. Relembrar esse período através das narrativas e entender que o tempo e o espaço vão ressignificando o acontecimento nos permite perceber a relação dos fatos narrados com fatores dialógicos, uma vez que, na época pandêmica, muitas informações chegavam às crianças via canais de comunicação.

Esta pesquisa nos propiciou reflexões à medida em que, fomos fundamentando o quadro teórico para dialogar com o campo analítico das narrativas, levando-nos a pensar na relevância social e necessidade de trabalharmos com narrativas, principalmente no EF, para que os estudantes possam ampliar sua vivência discursiva.

Outrossim, a oportunidade de discorrer sobre o objeto temático nos permitiu ampliar as discussões de ordem pessoal e ao mesmo tempo profissional, em detrimento do campo funcional, levando-nos a compreender que, enquanto gestora educacional, é necessário alterar os aportes teórico-metodológicos, no sentido de caminhar para o desenvolvimento de narrativas em sala de aula.

É salutar que o entendimento da potencialidade das narrativas leve o alunado a desenvolver exercícios/atividades que estimulem a criatividade, a espontaneidade, a imaginação e, ao mesmo tempo, as emoções, assim como expuseram as crianças na obra analisada.

Salientamos a importância de resgatarmos, no ambiente escolar, momentos para que os profissionais que trabalham em sala de aula conheçam melhor os ensinamentos de Bakhtin, a fim de que esse conhecimento possa repercutir em suas práticas no processo educativo. Nesse sentido, temos a perspectiva de continuação desta pesquisa no programa de doutorado, apresentando nosso objeto à realidade das escolas, especificamente na etapa inicial do EF.

Por fim, concluindo este percurso de pesquisa, poderíamos resumir usando duas palavras: “conhecimento contínuo”. Temos consciência de que, em muitos momentos, compete ao professor buscar por aprendizagens que desafiem suas

rotinas profissionais e, além disso, a formação integraliza saberes que podem contribuir para uma aprendizagem significativa e garantir o exercício da cidadania dos indivíduos pelo reconhecimento de uma narrativa.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Autor y personaje en la representación estética**. Estética de la creación verbal. México: Siglo Veintiuno, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermatina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Ed. 34, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Sobre a pré-história do discurso romanesco. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance III**: o romance como gênero literário. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa**, São Paulo, n. 56, v. 2, 2012, p. 371-401.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** [2ª versão]. Brasília: 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 22 ago. 2023.
- MACHADO, Irene A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. **Itinerários**, Araraquara, n. 12, 1998.
- MORSON, Gary Saul. **Narrative and freedom**: the shadows of time. New Haven: Yale Univ. Press, 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul: 2013

SOUZA, Maria Celeste de. **A produção de narrativa e suas potencialidades de formação na escola**: dimensões teórico-metodológicas. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Psicologia. Universidade de São Paulo, 2021.

SAVAGET, Luciana. **Minhas histórias são suas histórias**: o que sentimos com o isolamento. Rio de Janeiro: Casa dos Livros, 2021

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 30, n. 82, p. 339-353, set.-dez. 2010.